



A raposinha verde

Perto da orla da floresta vivia uma raposinha verde. Sentada em frente da sua toca, via uma quinta ao perto e, mais ao longe, a torre da cidade. Ouvia os pássaros a cantar, as vacas a mugir, as máquinas da ceifa a roncar e os sinos a tocar.

A raposinha conhecia o dia, a noite, o sol, a lua e as estrelas. Também conhecia as estações do ano, a Primavera, o Verão, o Outono e o Inverno.

No sítio onde o caçador tinha morto a mãe, aí ficou a raposinha, completamente só. Não encontrara ninguém com quem partilhar a toca, o dia e a noite, no Verão, na Primavera, no Outono ou no Inverno.

“Não”, pensava a raposinha. “Ninguém quer nada com uma raposa verde como eu.”

Então a raposinha decidiu ir à procura de alguém com quem partilhar a toca. Numa quinta encontrou uma galinha branca.

— Gosto de ti — disse-lhe. Agarrou na galinha e correu para casa.

— Queres partilhar comigo a minha toca e o dia e a noite, na Primavera, no Verão, no Outono e no Inverno? — perguntou-lhe.

— Não — respondeu a galinha branca e encolheu-se a um canto, a tremer, cheia de medo.

A raposinha verde ficou furiosa e comeu-a.

Pouco depois, a raposinha verde encontrou um coelhinho castanho.

— Gosto de ti — disse. Agarrou no coelhinho e correu para casa com ele.

— Queres partilhar comigo a minha toca e o dia e a noite, na Primavera, no Verão, no Outono e no Inverno? — perguntou-lhe.

— Não — respondeu o coelhinho castanho e, cheio de medo, encolheu-se a um canto, a tremer.

A raposinha verde ficou furiosa e comeu-o.

Pouco depois, a raposa verde caçou um esquilincho vermelho aos pés de um pinheiro.

— Gosto de ti — disse. Agarrou no esquilo e correu para casa.

— Queres partilhar comigo a minha toca e o dia e a noite, na Primavera, no Verão, no Outono e no Inverno? — perguntou-lhe.

— Não — respondeu o esquilo vermelho, e, cheio de medo, encolheu-se a um canto, a tremer.

A raposinha ficou cega de raiva e comeu-o.

“Todos parecem ter medo de mim”, pensou.

Saiu de casa, atravessou o bosque, passou campos e prados a correr e, por fim, parou em frente de uma casa onde morava um casal de lavradores. Na cerca da casa viu uma rosa.

— Gosto de ti — disse. Cortou a rosa e levou-a consigo.

— Queres partilhar comigo a minha toca e o dia e a noite, na Primavera, no Verão, no Outono e no Inverno? — perguntou-lhe.

A rosa aceitou e espalhou o seu perfume pela toca, o que fez a raposinha sentir-se feliz. Mas, no dia seguinte, a rosa tinha murchado e as folhas estavam caídas pelo chão.

— Tu enganaste-me! — gritou a raposinha verde. Pegou na rosa e deitou-a fora.

Mas, quando regressou à gruta, esta continuava a cheirar tão bem, que era como se a rosa tivesse oferecido uma parte de si quando lá estivera. A raposinha verde ficou muito admirada e foi sentar-se à entrada da toca. Via a quinta, em frente, e a torre da cidade. Ouvia os passarinhos a cantar, as vacas a mugir, o barulho das máquinas da ceifa e os sinos a tocar.

De um momento para o outro, passou a ver as coisas com outros olhos e a ouvir com outros ouvidos. Já não se sentia só. Pensava na sua bela rosa. Ela tinha-lhe oferecido algo: o seu perfume e, além disso, a esperança, que ela nunca tinha conhecido. Agora tinha a certeza de que, um dia, uma pequena raposa verde iria aparecer. Uma raposinha com quem iria poder partilhar a toca e o dia e a noite, na Primavera, no Verão, no Outono e no Inverno. Só tinha de ter paciência e de saber esperar.